

ESTUDO DO ESPAÇO EM *A CIDADE SITIADA*, DE CLARICE LISPECTOR

STUDY OF SPACE IN *A CIDADE SITIADA*, BY CLARICE LISPECTOR

Ingrid Luana Lopes Cordeiro¹

RESUMO

A cidade sitiada é o terceiro romance de Clarice Lispector e, ao analisarmos a construção dos constituintes narrativos da obra, observamos que o espaço se destaca como elemento estruturante. Nesse sentido, é possível considerar o livro uma crônica de São Geraldo, subúrbio que passava por um momento de transição de pequena comunidade semirural para uma cidade moderna. Essas mudanças se refletem nos personagens, associando-se, dessa forma, à experiência interior deles. Assim, objetivamos analisar o espaço ficcional dentro do romance, haja vista que as mutações sofridas pelo meio limitam a ação, sendo o ponto de partida e chegada da narrativa.

Palavras-chave: A cidade sitiada; Clarice Lispector; espaço; literatura brasileira

ABSTRACT

A cidade sitiada is Clarice Lispector's third novel and, when analyzing the construction of the work's narrative constituents, we observe that space stands out as a structuring element. In this sense, it is possible to consider the book a chronicle of São Geraldo, a suburb that was going through a moment of transition from a small semi-rural community to a modern city. These changes are reflected in the characters, thus being associated with their inner experience. Thus, we aim to analyze the fictional space within the novel, given that the mutations suffered by the environment limit the action, being the starting and ending point of the narrative.

Keywords: A cidade sitiada, Clarice Lispector, space, brazilian literature.

Introdução

Em 1949, veio à luz *A cidade sitiada*, o terceiro romance de Clarice Lispector, escritora que ficara conhecida quando publicou *Perto do coração selvagem*, de 1943. Nesse novo livro, observamos que o espaço é um elemento de relevo para uma possível interpretação da obra em questão, uma vez que se observam transformações nos personagens que são concomitantes às alterações na paisagem, as quais foram trazidas pelo progresso.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Mestre em Estudos Literários (2020) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: ingridcordeiro94@gmail.com

Nesse contexto, no presente estudo, objetivamos analisar como se configura o espaço, enquanto elemento narrativo, em *A cidade sitiada*. Assim, ressaltamos, também, que a presente discussão se concentrará em discutir o subúrbio São Geraldo, ou seja, a “cidade sitiada” do livro, bem como suas relações e/ou implicações nos personagens.

Para alcançar o objetivo estabelecido, utilizamos como método a pesquisa bibliográfica em trabalhos de autores que se dedicam a investigar questões abordadas nesse estudo.

Destarte, o arcabouço teórico desse artigo é composto, entre outros, por reflexões de Luís Antônio Dimas (1987) e Alberto Brandão (2013), cujas pesquisas investigam o espaço no âmbito da teoria literária. Ademais, também selecionamos críticos literários que analisaram *A cidade sitiada*, a saber, Sérgio Milliet (1949), Sérgio Buarque de Holanda (1950), Assis Brasil (1966) e Benedito Nunes (1989).

Por fim, em relação à organização do texto, optamos por dividi-lo em dois momentos: no primeiro, “O espaço de *A cidade sitiada* na romanesca de Clarice Lispector”, tecemos considerações gerais acerca do enredo de *A cidade citada*, além de trazer apontamentos a respeito da recepção crítica do romance; no segundo, “São Geraldo: uma leitura do espaço em *A cidade sitiada*”, analisamos como se configura o espaço literário na obra.

O espaço de *A cidade sitiada* na romanesca de Clarice Lispector

Alguns apontamentos sobre *A cidade sitiada*

A cidade sitiada é o terceiro romance de Clarice Lispector, sua primeira edição data de 1949, porém foi concluído cerca de três anos antes, enquanto ela morava em Berna, na Suíça. De acordo com Nádia Gotbli (1995), o livro demorou a ser publicado porque a escritora teve dificuldades em encontrar editora, até que achou a Noite e, enfim, pode lançá-lo.

Ressaltamos que o processo de escrita do livro foi árduo, já que houve períodos nos quais Clarice Lispector enfrentou bloqueios criativos, como relata em carta de 8 de maio de 1946: “Não escrevi uma linha, o que me perturba o repouso. Eu vivo a espera de inspiração com uma avidez que não dá descanso. Cheguei mesmo à conclusão que de

que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mais que escrever” (Lispector, 1946 apud Gotlib, 1995, p. 223).

Em relação a sua constituição narrativa, observamos que o terceiro romance clariciano adota procedimentos distintos dos que foram empregados em *Perto do coração selvagem* (1943) e *O lustre* (1946). Dessa maneira, pontuamos que as categorias de espaço e de tempo se configuram mais próximo de um modelo tradicional de romance, ou seja, o ambiente é descrito com riqueza de detalhes e a temporalidade segue a ordem cronológica. Ademais, o foco narrativo é em terceira pessoa e tem acesso a todas as reentrâncias da psique dos personagens, contudo, não se enleia a elas, como em *Perto do coração selvagem* e *O Lustre*, fazendo com que o leitor tenha a impressão de estar diante de um narrador-personagem.

Em *A cidade sitiada*, acompanhamos as histórias de Lucrecia Neves e do processo de urbanização do subúrbio São Geraldo, contadas em doze capítulos. A protagonista mora com a mãe viúva, Ana, na rua do Mercado, número 34. Ela tem três pretendentes: Felipe, tenente forasteiro que despreza São Geraldo; Perseu Maria, estudante criado no lugar como ela; e Mateus Correia, homem abastado, bem mais velho, com quem acaba se casando somente para sair do local onde vivia e morar na cidade grande.

Depois de anos casada com Mateus, ela tem um envolvimento com doutor Lucas, médico casado (cuja esposa vivia em um sanatório), seu conhecido desde a época de São Geraldo. Depois de viúva, Lucrecia Neves, que voltara a viver no subúrbio onde nascera enquanto o marido ainda estava vivo, esperançosa de conseguir um novo marido, deixa São Geraldo para ir ao encontro da mãe em uma fazenda. São Geraldo, nesse momento, não era mais subúrbio, havia se tornado uma cidade com todo o maquinário, a violência e a agitação correspondentes.

Apontamentos sobre a recepção crítica de *A cidade sitiada*

No que concerne à fortuna crítica da obra de Clarice Lispector, observamos que, entre os romances da escritora publicados na década de 1940 (*Perto do coração selvagem*, de 1943, e *O lustre*, de 1946), *A cidade sitiada* foi o que obteve uma resposta mais negativa da crítica especializada, o que é sinalizado tanto pela quantidade pouco avultada de textos a seu respeito quanto pela avaliação realizada por críticos de renome,

como Sérgio Milliet (1949) e Sérgio Buarque de Holanda (1950), cujos textos foram publicados assim que o romance foi lançado.

Entre os primeiros artigos sobre *A cidade sitiada*, temos a crítica de Sérgio Milliet, que publicou sua avaliação sobre o romance em 11 de setembro de 1949, no Suplemento Letras e Artes do jornal *A Manhã*. Em 1955, esse texto foi republicado no 8º volume do Diário crítico de Sérgio Milliet. Em sua crítica o autor pontua que “Clarice confundia-se na teia de suas imagens, que se sucedem nesse romance sem objetivo certo, pelo prazer da frase, da exibição de um requinte. Verbiagem, malabarismo, exibicionismo insistente, achados de romancista, eis os graves defeitos desse romance” (Milliet, 1949, p. 7).

No mesmo viés, Holanda² (1989, p. 178) afirma que: “[...] O último romance da autora - *A cidade sitiada* - se recente de uma dosagem menos habilidosa, mais maciça, daqueles elementos que justamente fizeram a surpreendente novidade entre nós de sua obra inicial.”

Alguns poucos críticos, passados uns anos da primeira edição, retornaram ao terceiro romance de Clarice Lispector a fim de interpretá-lo. Entre eles, temos Luís Costa Lima, que escreve um breve comentário sobre o livro na primeira edição de *A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho e publicada em 1955. Nesse texto, o crítico não identifica novidade alguma no enredo de *A cidade sitiada* quando o compara aos romances que o precederam, afirmando que os temas também se repetem a exemplo da “[...] urgência do ódio, a escravização do amor, a busca de uma indefinida liberdade, que se confunde com a fuga, a crueldade e o devaneio, que nem se realiza nem o pretenderia” (Costa Lima, 1970, p. 542). Para ele, a repetição em si não é o problema, tendo em vista que “[...] a repetição apenas indicaria a falta de novidade temática”. Logo, o problema do romance, em sua perspectiva, é que estes temas estão ligados “[...] ao abstracionismo intelectualizante que prejudica página por página”, o mesmo estilo que Milliet anunciou ser a possível perdição de Clarice Lispector.

Em 1966, em texto de Assis Brasil, verificamos que *A cidade sitiada* recebeu uma avaliação positiva, principalmente, em relação à avaliação realizada pelos outros

² O texto de Holanda sobre *A cidade sitiada* chama-se “Tema e Técnica”, foi publicado originalmente no jornal *Diário Carioca* em 1950.

críticos que mencionamos até o momento neste trabalho. Ao discutir *A cidade sitiada*, Assis Brasil considera que:

A concepção narrativa e técnica do romance de Clarice Lispector, *A cidade sitiada*, que se nos apresenta, entre os demais livros da autora, como o formalmente mais realizado, é fruto, sem dúvida, de um processo de amadurecimento que se fez com o lançamento dos dois primeiros romances, de maneira rápida e categórica (Brasil, 1966, p. 64-65).

Observamos que, diferente de outros avaliadores, para Assis Brasil, o terceiro livro publicado pela escritora brasileira representa uma evolução em sua produção romanesca, não um rebaixamento da qualidade de seu trabalho, como julgaram Milliet, Buarque e Costa Lima. Outrossim, ele salienta que os procedimentos formais empregados por Lispector são produto de seu amadurecimento artístico.

Na década de 1970, precisamente no ano de 1973, Benedito Nunes dedica o segundo capítulo³ do livro *Uma leitura de Clarice Lispector à análise A cidade sitiada*. O crítico julga que a narrativa em questão é uma alegoria das mudanças sofridas no decorrer do tempo, tanto pelos indivíduos quanto pelas coisas que os rodeiam, sejam elas espaços ou objetos. Todavia, ele acrescenta, ainda, que a experiência interna dos personagens no romance não tem “o sentido de uma forma de vida completa” (Nunes, 1989, p. 38) enquanto crônica de um espaço suburbano que atravessa um processo de modernização.

Diante desse breve panorama apresentado, constatamos que *A cidade sitiada* é um romance que apresenta possibilidades interpretativas que ainda não foram exploradas em sua fortuna crítica, por exemplo, a importância do espaço como uma chave de leitura para a compreensão da obra, o que justifica a abordagem tomada no presente artigo.

São Geraldo: uma leitura do espaço em *A cidade sitiada*

Na primeira parte deste estudo, verificamos que *A cidade sitiada* despertou pouco interesse da crítica literária. Isso também ocorreu com o estudo do espaço dentro

³ O ensaio se chama “*A cidade sitiada: uma alegoria*” e foi republicado em *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, em 1989, edição da qual retiramos as citações para este trabalho.

do compêndio das teorias literárias, fato problematizado no livro *Espaço e Romance*, de Antônio Dimas (1987). De acordo com o autor mencionado,

[...] é minguada a bibliografia teórica do assunto de que tratamos, tanto no âmbito nacional quanto no estrangeiro. Apesar da forte adesão do romance brasileiro ao espaço, seja urbano, rural ou selvático, a nossa crítica pouca atenção tem dedicado ao assunto, preferindo deter-se ora nas formas narrativas, ora em seus temas. Causa estranheza essa rarefação crítica, responsável pela dificuldade em se organizar repertório bibliográfico extenso e sistemático, mormente num país cuja literatura respondeu e responde de pronto aos estímulos mesológicos (Dimas, 1987, p. 15-16).

Desta forma, partindo das indagações de Dimas (1987), aventamos a possibilidade que a transdisciplinaridade do estudo do espaço seja um dos agentes que provoquem a evasão dos críticos literários.

Sendo assim, o conceito do espaço varia conforme a área de estudo que o discute, por exemplo, física, ciências sociais, filosofia, estudos culturais e teoria literária. Nesse viés, coadunamos com a seguinte reflexão de Brandão:

[...] as formas de representação espacial variam de acordo com a relação de cada época e cada cultura possuem com o espaço, relação que abarca possibilidades de percepção e uso, definidas por condicionamentos econômicos, sociais e políticos (Brandão, 2013, p. 18).

Neste contexto, acreditamos que, em *A cidade sitiada*, o espaço, entendido como dados da “realidade romanesca”, além de funcionar como representação de lugares físicos onde se dão os acontecimentos narrados, também funciona como ambiente, na medida em que carrega características socioeconômicas, morais e psicológicas, as quais perpassam os personagens.

Portanto, ao analisarmos *A cidade sitiada*, observamos que o espaço, enquanto elemento narrativo, está em posição de destaque, principalmente, no que concerne à representação do subúrbio São Geraldo. Nos dois primeiros romances de Lispector, segundo Cordeiro (2017), esta ênfase fora dada aos personagens e ao foco narrativo, sendo que a constituição desses procedimentos narrativos, entre outros fatores, fez com que a escritora Lispector tivesse um “raiar” marcante na literatura brasileira. Em virtude

disso, ela foi considerada, nesse período, uma das grandes promessas da arte literária nacional por críticos da envergadura de Antonio Candido (1970).

Nessa perspectiva, Nunes (1989, p. 33) aponta que, no terceiro romance de Lispector, a “[...] presença de um ambiente, o subúrbio, que circunscreve os gestos e atos dos personagens, inclusive e principalmente a protagonista.” também é um fator responsável por singularizar *A cidade sitiada* dos romances claricianos predecessores.

Com base nessa observação, destacamos que o título do romance já indica que o espaço será uma chave de leitura importante para uma possível interpretação do livro. Isto porque o substantivo “cidade” é um indicativo de referência espacial, tanto que é caracterizado por ser uma organização coletiva de seres humanos que vivem em interação. Já o adjetivo “sitiada” diz respeito a um cerco ditatorial que cerceia a liberdade dos indivíduos.

No entanto, ao analisarmos o romance, constatamos que o controle sobre os habitantes da localidade ficcional não é exercido por uma instituição governamental despótica, mas sim pelo próprio subúrbio de S. Geraldo, que “[...] no ano de 192..., já misturava ao cheiro de estrebaria algum progresso. Quanto mais fábricas se abriam nos arredores, mais o subúrbio se erguia em vida própria sem que os habitantes pudessem dizer que transformação os atingia.” (Lispector, 1998, p. 16).

Por conseguinte, evidenciamos que, desde o início da narrativa, é sinalizado que há um processo de transição entre o rural e o urbano, no qual um ambiente provinciano começa a se transmutar, adquirindo, dessa forma, feições cosmopolitas. Todavia, como esperado, esse processo é gradual, lento e tempestuoso, haja vista que gera uma sensação de estranhamento e resistência da parte dos indivíduos que são afetados por ele.

Nesse sentido, é digno de nota que São Geraldo, nome escolhido por Clarice Lispector para intitular sua cidade fictícia, corresponde a um ícone católico real: São Geraldo Magela. Ele foi um religioso italiano que viveu no século XVII, conhecido por seus poderes sobrenaturais, incluindo o dom da bilocação, isto é, a graça divina de estar presente em dois lugares distintos ao mesmo tempo.

Logo, observamos que, no decorrer do romance, assim como seu padroeiro, o subúrbio São Geraldo apresenta caráter biespacial, uma vez que se localiza em um lugar que abriga o urbano e o campestre, o tradicional e o moderno. Tais condições

geográficas e sociais duelam entre si para ter o domínio sobre o território e sobre as pessoas.

Desse modo, somos introduzidos ao universo de São Geraldo na primeira cena do romance, quando ocorre uma festa religiosa em homenagem ao santo que empresta seu nome para a cidade:

— ONZE HORAS, disse Felipe.

Mal acabara de falar o relógio da igreja bateu a primeira badalada, dourada, solene. O povo pareceu ouvir um momento o espaço... o estandarte na mão de um anjo imobilizou-se estremecendo. Mas de súbito o fogo de artifício subiu e espocou entre as badaladas. A multidão, tocada do sono rápido em que sucumbira, moveu-se bruscamente e de novo rebentaram gritos no carrossel.

[...] Se houvesse alguma coisa extraordinária a suceder enfim no subúrbio, esta viria irromper no âmbito da retreta, onde crianças perdiam-se das mães e gritar seria mais um grito: o largo da igreja estava frágil. E crepitava com as castanhas na fogueira. Sonolentas, obstinadas, as pessoas se empurravam com os cotovelos até fazerem parte do círculo silencioso que se formara em torno das chamas (Lispector, 1998, p. 11-12).

Neste fragmento, observamos que o caráter provinciano ainda é preponderante em São Geraldo, que se mantém arraigado às tradições e aos ritos religiosos. Esses festejos atraem a população em massa, típico de áreas isoladas dos grandes centros urbanos, locais onde as ofertas de entretenimento são limitadas. Logo, as festas religiosas são eventos que movimentam o cotidiano pacato em que o povo vive, na medida em que “oferecem como características básicas: a superação das distâncias entre os indivíduos; a produção de um estado de efervescência e a transgressão das normas coletivas” (D’abadia; Almeida, p. 2009, p. 60).

Ainda no primeiro capítulo, observamos a postura imperativa de São Geraldo sobre seus habitantes, que, embora desprezem aquele lugar simplório, sentem que ele é parte inerente de sua essência. Em razão disso, em determinado momento, quando uma das praças da cidade se encontrava no breu, Lucrécia Neves não se reconhece enquanto ser: “A praça estava nua. Tão irreconhecível ao luar que a moça não se reconhecia” (Lispector, 1998, p. 13).

Nessa perspectiva, evidenciamos que o subúrbio São Geraldo e os personagens, especialmente a protagonista Lucrécia Neves, imiscuam-se. Sendo assim, no começo da

narrativa, ambos apresentam um futuro incerto, como é possível identificar na seguinte passagem:

Nesse momento propício em que as pessoas viviam, cada vez que se visse — novas extensões emergiriam, e mais um sentido se criaria: era esta a pouco usável vida íntima de Lucrecia Neves. E isso era S. Geraldo, cuja História futura, como na lembrança de uma cidade sepultada, seria apenas a história do que se tivesse visto (Lispector, 1998, p. 23).

Essa história futura de São Geraldo já havia começado a ser delineada, pois o tradicional (por exemplo, a festividade do padroeiro da cidade) e o moderno conviviam simultaneamente, pois:

Até centros espíritas começavam a formar-se acanhadamente no subúrbio católico e Lucrecia mesma inventou que às vezes ouvia uma voz. [...]

E assim era S. Geraldo acumulado de carroças rangentes, de sobrados e mercados, com planos de construção de uma ponte. Mal se podia adivinhar sua umidade radiosa e tranquila que em certas madrugadas vinha da névoa e saía das ventas dos cavalos — a umidade radiosa era uma das realidades mais difíceis de se enxergar no subúrbio. Da janela mais alta do Convento, no domingo — depois de atravessar o centro, a Cancela e a zona da ferrovia — as pessoas se debruçavam e adivinhavam-na através do crepúsculo: lá... lá estava o subúrbio estendido. E o que elas viam era o pensamento que elas nunca poderiam pensar. [...]. Também Lucrecia Neves de pé espiava a cidade que de dentro era invisível e que a distância tornava de novo um sonho: ela debruçava-se sem nenhuma individualidade, procurando apenas olhar diretamente as coisas (Lispector, 1998, p. 23-24).

Sendo assim, compreendemos que as mudanças sofridas por São Geraldo ultrapassam o espaço geográfico, atingindo também o substrato cultural e religioso, posto que novas alternativas para se relacionar com o transcendental estavam emergindo nesse local que até então professava apenas uma fé, abrindo-se, desse modo, para religiões diferentes do Cristianismo. Essa expansão religiosa é um traço de urbanização, visto que há, nas grandes cidades, pluralidade de credos religiosos, dado que elas abrigam pessoas de diversas crenças, as quais inserem nas urbes os costumes que trazem de seus lugares de origem.

Além disso, neste excerto, outra marca significativa da paisagem de São Geraldo é apresentada: os abundantes equinos. Eles eram utilizados como meio de transporte e

simbolizam a modernização do subúrbio, pois guiam carroças, as quais evidenciam como o homem domina a natureza (no caso, os cavalos) para facilitar sua via. Desse modo, entre a simbologia que envolve os equinos observamos que:

Por sua suscetibilidade ao medo, ao pânico e aos encantamentos, o cavalo é frequentemente um símbolo da instintividade. No plano da psique individual, a imagem do cavalo desenfreado aponta para a dificuldade de domínio do eu diante da invasão de impulsos inconscientes (Ramos, Biese, Balthazar, 1999, p. 89 apud Rossatto, 2020, p. 153).

Desse modo, constatamos que, como São Geraldo, os cavalos são seres primitivos que foram domados pelos agentes do progresso. Entretanto, eles conservam sua majestosa bestialidade, signo de suas naturezas indômitas, essencialmente livres. Assim, encontram, na noite e no morro do pasto, momento e espaço para darem vazão a seus intrépidos temperamentos, como é descrito na passagem a seguir:

Mas à noite cavalos liberados das cargas e conduzidos à ervagem galopavam finos e soltos no escuro. Potros, rocins, alazões, longas éguas, cascos duros — uma cabeça fria e escura de cavalo — os cascos batendo, focinhos espumantes erguendo-se para o ar em ira e murmúrio. E às vezes um suspiro que esfriava as ervas em tremor. Então o baio se adiantava. Andava de lado, a cabeça encurvada até o peito, cadenciado. Os outros assistiam sem olhar (Lispector, 1998, p. 27).

Na passagem transcrita, verificamos que o espírito audaz de São Geraldo e, por conseguinte, dos cavalos – os dois se encontram no mesmo binômio natural x artificial pelo qual a cidade oscila – também se apresenta em Lucrecia Neves. Senso assim, observamos que ela tem ânsia de ser livre e explorar o mundo, mas se encontra enclausura na localidade onde nasceu, o que é perceptível no excerto seguinte:

Apesar do céu alto, o ar no morro era tempestuoso e, às vezes incontido, arrastava com violência um papel ou uma folha. As latas e as moscas não chegavam a povoar o descampado. A essa hora do dia pisavam-se ervas ardentes e não se subjugaria com o olhar a aridez e o vento do planalto — uma onda de poeira se erguendo ao galope de um cavalo imaginário. A moça esperava paciente. Que espécie de verossimilhança viera procurar no morro? ela espiava. Até que o cair da tarde fosse acordando a piscante unidade que o entardecer levita no

campo. E a possibilidade de rumor que a escuridão favorece (Lispector, 1998, p. 26-27).

A partir desse fragmento, verificamos que a protagonista despreza São Geraldo por saber que ali seus horizontes são estreitos, pois está ciente de que não terá acesso aos bailes e a outros atrativos que a cidade grande tem a oferecer e pelos quais aspira. Portanto, a fim de escapar do marasmo que o subúrbio representa, a personagem vislumbra no casamento uma alternativa para alçar voo para além dos muros físicos e imateriais de São Geraldo.

Cabe salientar que, além dos espaços públicos de São Geraldo, como as praças, o mercado, o morro do pasto e os passeios, o leitor também é introduzido aos ambientes privados, às casas das personagens. Nesse sentido, identificamos que a voz narrativa em terceira pessoa dá uma atenção especial à descrição dos interiores, por exemplo, a sala de visita da casa de Lucrecia:

[...] De início um pouco irreconhecível, após um instante a sala retomava sua antiga posição tendo como centro a flor. O espírito era o vento, o noroeste soprava com insistência, quebrado pelos sobrados da rua.

O aposento era repleto de jarros, bibelôs, cadeiras e paninhos de crochê, e nas paredes de papel florido amontoavam-se folhas recortadas de revistas e de antigos calendários. O ar sufocado e puro de lugares sempre fechados, o cheiro das coisas (Lispector, 1998, p. 69-70).

A partir desse fragmento, observamos que os ambientes particulares refletem a atmosfera suburbana e claustrofóbica que São Geraldo tem para os personagens. A ornamentação artificial é um meio de mascarar a decadência, um ardil cujo fito é emprestar um duvidoso senso de beleza para o ambiente para que ele destoe da paisagem rústica do subúrbio, detestada por D. Ana. Dessa maneira, eles também são marcas identitárias dos personagens que habitam mais um dos reles sobrados de São Geraldo.

Contudo, após o casamento (instrumento que possibilita a experiência de viver na cidade grande), a protagonista do romance, que se tornara Lucrecia Correia, percebe que o espaço urbano se revelara uma utopia, porque a sensação de estar sitiada e de não pertencimento continua.

Para seu alívio, ela retorna a São Geraldo, acompanhada do marido enfermo, que, um tempo depois, falece. Na condição de mulher experiente, cosmopolita e viúva, Lucrécia contempla o novo panorama no qual a provinciana cidade onde vivera se encontra nesse momento:

Quando saía espantava-se com o salto de progresso de S. Geraldo, espavoria-se no tráfego como galinha fugida de quintal. As ruas já não cheiravam a estábulo mas a arma de fogo deflagrada — aço e pólvora. E como estouravam os pneumáticos! Tinham-se aberto inúmeros escritórios com máquinas de escrever, instalações de arquivos de ferro e canetas automáticas. Cópias e cópias eram batidas em mimeógrafos e assinadas. Os arquivos rebentavam, plenos do registro imediato do que se passava. Os homens da Limpeza Municipal varriam superficialmente as calçadas, escondendo os restos nos esgotos. Que à tarde faiscavam aos derradeiros raios de sol em poeira e brilho, como tesouros (Lispector, 1998, p. 194).

Nesse cenário, observamos que São Geraldo perdeu definitivamente seus ares bucólicos e interioranos, advindos da compleição rústica da cidade outrora intocada pela mão metálica e fria do progresso, ou seja, o presságio apregoado pelo narrador no início do romance se cumprira. No entanto, com o progresso, também vieram suas mazelas, como a mecanização do homem, a perda da singularidade pela uniformidade e a violência que assola os grandes centros urbanos.

Desse modo, a selvageria que era característica dos animais que conviviam com os moradores do antigo subúrbio foi totalmente transferida para os próprios seres humanos, que não esperavam se isolar no morro do pasto para extravasar sua natureza colérica – como faziam os equinos antigamente. Por sua vez, eles passaram a empregar os avanços tecnológicos para disseminar a violência, assumindo, portanto, características animais, outrora associadas aos cavalos que dominavam a paisagem de São Geraldo, como evidencia o seguinte excerto: “Quando saía espantava-se com o salto de progresso de S. Geraldo, espavoria-se no tráfego como galinha fugida de quintal. As ruas já não cheiravam a estábulo mas a arma de fogo deflagrada — aço e pólvora” (Lispector, 1998, p. 194).

O “Morro do pasto”, lugar que abrigava os cavalos, símbolos do provincianismo do subúrbio, tornou-se acessível graças a um viaduto, o que rompeu o último elo com a antiga São Geraldo, que estava “prestes a mudar de nome, diziam os jornais” (Lispector,

1998, p. 199), esquecendo sua nomenclatura católica e, por conseguinte, sua qualidade biespacial, emprestada por seu santo padroeiro.

Logo, observamos que o cerco do subúrbio caiu por terra e Lucrécia deu-se conta que “S. Geraldo a deixara para trás” (Lispector, 1998, p. 194), isto é, novamente, ela estava desterrada. Em virtude disso, a mulher decide ir para outro lugar, indo buscar refúgio em uma fazenda e em um novo marido.

Dessa forma, acreditamos que a errância de Lucrécia pelo espaço narrativo simboliza sua busca por encontrar sua própria identidade, seu lugar no mundo. Sendo assim, a personagem, de maneira inconsciente, possivelmente acredite que sua essência esteja ligada ao local onde vivera seus primeiros anos, aquela São Geraldo periférica. Isto porque o subúrbio, de modo semelhante a ela, também estivera em conflito identitário, entre o manter-se prosaica e o abrir-se para o desconhecido, representado pelos tentáculos magnéticos do progresso.

Diante do exposto, observamos que, além de uma referência espacial, empregada para dar lugar aos fatos ficcionais narrados em *A cidade sitiada*, São Geraldo é, também, uma personagem que divide o protagonismo do romance com Lucrécia Neves. Ambos podem conduzir o leitor a refletir acerca de sua condição e lugar no mundo, como enfrentar mudanças inevitáveis as quais ele está sujeito e, ainda, demonstrar a ele em que medida os locais pelos quais vagueia no transcorrer de sua existência o afeta e vice-e-versa.

Considerações finais

O presente analisa a construção do espaço no romance *A cidade sitiada*, de de Clarice Lispector. Isso porque, ao lermos o livro, observamos que esse elemento narrativo se destaca como uma importante chave interpretativa do livro. Nesse contexto, estipulamos como objetivo analisar a relevância do espaço para a interpretação da obra em análise.

Nesse sentido, a fim de atingirmos o objetivo delineado, de início, recuperamos a fortuna crítica do romance para descobrirmos as interpretações empreendidas a respeito de *A cidade sitiada*.

Com essa pesquisa, verificamos que, exceto um breve comentário de Benedito Nunes (1989), o espaço no livro em destaque ainda não havia sido discutido. A partir

dessa constatação, buscamos teóricos que discutem a importância do espaço enquanto elemento da narrativa, por exemplo, Dimas (1987) que aponta a parca bibliografia existente sobre o espaço.

Desse modo, após estudarmos a fortuna crítica de *A cidade sitiada* e teorias sobre o espaço, analisamos o romance enfatizando como o esse elemento constitutivo da narrativa foi construído na obra, bem como a relação dele com os personagens.

No presente estudo, constatamos que, em *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector, a função da categoria narrativa espaço não é apenas a de ser cenário para o desenrolar dos acontecimentos do enredo. Na realidade, o espaço, nesse romance, configura-se como uma representação do processo de modernização de São Geraldo, além de auxiliar a construção identitária das personagens, especialmente, de Lucrecia Neves, a protagonista da narrativa.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BRASIL, Assis. *Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1966.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CORDEIRO, I. L. L. *O narrador dos romances Perto do coração selvagem e A cidade sitiada de Clarice Lispector, a partir da crítica de Benedito Nunes*. 2017. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras/Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- COSTA LIMA, Luís. Clarice Lispector. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil (vol. 5)*. Rio de Janeiro: Sul Americana S. A., 1970.
- D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas religiosas e pós-modernidade. *Geonordeste*, n. 2, p. 57-80, 2009.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1987.
- GOTBLI, Nádia. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- HISTÓRIA DE SÃO GERALDO. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-geraldo/142/102/#c>. Acesso em: 01 jun. de 2019.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tema e técnica. *Remate de males*, Campinas, v. 9, p. 177-179, 1989.
- Revista de Letras Norte@mentos* 269
- Estudos Literários, Sinop, v. 17, n. 47, p. 256-270, jan./jun. 2024.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: A noite, 1943.

MILLIET, Sérgio. A cidade sitiada. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 137, p. 7, 11 set. de 1949.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo, Ática, 1989.

NUNES, Benedito. *Uma Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.

ROSSATO, Laís. Equoterapia: o cavalo como símbolo na construção de autoconhecimento. *Diaphonía*, v. 6, n. 1, p. 145-165.

Recebido em: 31/01/2024

Aceito em: 28/03/2024